

SIMPÓSIO AT119

O CLÁSSICO NA LITERATURA DE CORDEL PARA O PROCESSO DE FORMAÇÃO DO LEITOR LITERÁRIO

DE SOUZA FURTADO, Ceylla
Orientanda, PPGEEB/CEPAE/UFG
ceyllasfurtado@gmail.com

SILVA, Célia Sebastiana
Orientadora, - PPGEEB/CEPAE/UFG
celia.ufg@hotmail.com

Resumo: Essa proposta de trabalho aborda a literatura de cordel no processo de formação do leitor literário, considerando a adaptação da obra clássica “Romeu e Julieta”, de William Shakespeare, feita por Sebastião Marinho. Diante da instrumentalização da leitura literária, colocada como mero instrumento didático no processo de escolarização e trabalhada como pretexto para o ensino da gramática normativa ou de normas de boa conduta, pretende-se romper com essa prática e colocar a literatura na centralidade da formação efetiva do leitor literário, a partir da leitura do clássico – uma obra de Shakespeare - em diálogo com o popular – o cordel. Para tanto, apresenta como pressupostos teóricos Bakhtin, Cândido, Calvino, Zilberman, e PCNs (1997). A partir da pergunta “Como os alunos de 6º ano de uma escola pública municipal estabelecem a relação entre a leitura de um clássico e a releitura dessa obra no formato de cordel?” e “Até que ponto esse cordel instiga à leitura literária do clássico e vice-versa?”, pretende-se mostrar a importância da literatura de cordel como um gênero textual que dialoga com vários outros gêneros literários e discursivos e também traz elementos da cultura popular para a sala de aula e permite uma discussão sobre a variedade e riqueza da cultura brasileira tanto no aspecto literário quanto no linguístico. Os resultados em curso apontam para uma via de mão dupla no estímulo à leitura do clássico, a partir do popular e o inverso também.

Palavras-chave: ensino; clássico; cordel; leitura literária.

Resumen: Esa propuesta de trabajo trata de la literatura de cordel en el proceso de formación del lector literario, considerando la adaptación de la obra clásica “Romeo y Julieta”, de William Shakespeare, escrita por Sebastião Marinho. Al hacer la instrumentalización de la lectura literaria, puesta como mero instrumento didáctico en el proceso de escolarización y trabajada como pretexto para la enseñanza de la gramática normativa o de las normas de buena conducta, se pretende romper con esa práctica y poner a la literatura en la centralidad de la formación efectiva del lector literario, desde

la lectura del clásico -una obra de Shakespeare-, en diálogo con el popular -el cordel. Para eso, se presentan como base teórica Bakhtin, Cândido, Calvino, Zilberman y PCNs (1997). Partiendo de las preguntas “¿Cómo los alumnos del 6º año de una escuela pública municipal establecen la relación entre la lectura de un clásico y la relectura de esa obra en el formato de cordel?” y “¿Hasta qué punto ese cordel instiga la lectura literaria del clásico y viceversa?” se pretende mostrar la importancia de la literatura de cordel como un género textual que dialoga con varios otros géneros literarios y discursivos y también trae elementos de la cultura popular para la clase, además de permitir discusión sobre la variedad y la riqueza de la cultura brasileña en el aspecto literario y lingüístico. Los resultados apuntan para una vía de mano doble en el estímulo a la lectura del clásico, a partir del popular y el inverso también.

Palabras clave: enseñanza; clásico; cordel; lectura literaria.

Introdução

Este projeto de pesquisa pretende mostrar a relevância de se trabalhar a obra clássica na literatura de cordel e o processo de formação do leitor literário na Educação Básica, com o intuito de responder à questão “A relação entre o texto popular e o erudito pode favorecer o processo de formação do leitor literário na Educação Básica por meio da leitura da obra Romeu e Julieta em sua versão em cordel e na tragédia clássica?”.

Por muito tempo, a literatura ficou à margem de propostas pedagógicas escolares, ou mesmo, quando utilizadas, recebiam uma abordagem didática ou de mera transferência de informações gramaticais, deixando de lado a apreciação do seu valor estético e as condições sociais de leitura e escrita que o texto literário pode proporcionar.

Entre os valores e atitudes subjacentes às práticas da linguagem dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) está proposto:

*interesse pela literatura, considerando-a forma de expressão da cultura de um povo.

*Interesse por frequentar os espaços mediadores de leitura – bibliotecas, livrarias, distribuidoras, editoras, bancas de revistas, lançamentos, exposições, palestras, debates, depoimentos de autores –, sabendo orientar-se dentro da especificidade desses espaços e sendo capaz de localizar um texto desejado. (PCNs, 1998, p.64)

Nesse sentido, Zilberman (1985) considera que a literatura de ficção, na sua globalidade, deflagra as experiências mais amplas da leitura e que sua presença no âmbito do ensino provoca transformações radicais e por isso mesmo lhe são imprescindíveis.

Portanto, propor um resgate da leitura dos clássicos em sala de aula por meio do cordel como expressão da literatura de ficção, mais precisamente como provocar transformações radicais da realidade, visto que tais obras conseguem produzir no leitor, de geração em geração, um prévio fervor e uma misteriosa lealdade, como cita Borges (2003), e, segundo Calvino (2007), estabelece uma relação pessoal com quem lê.

E ler os clássicos pela literatura de cordel surge como inspiração ou convite à leitura da obra original para os alunos da Educação Básica, já que os livros em cordel, que trazem tais adaptações, buscam centrar o foco da narrativa nos principais episódios da trama original clássica, não diminuindo assim o valor da obra original e carregando consigo os mesmos elementos dialógicos entre a obra e o leitor.

1. Leitura dos clássicos na escola

A leitura dos clássicos na escola se justifica do ponto de vista de que é preciso apresentar e incentivar essas leituras ao aluno. De acordo com Calvino (2007) “a escola deve fazer com que você conheça bem ou mal um certo número de clássicos dentre os quais (ou em relação aos quais) você poderá depois reconhecer os “seus” clássicos”. No entanto, a opção é feita pelo leitor de qual será o seu clássico preferido, cabe à escola dar a ele instrumentos de escolha, mesmo porque, ainda segundo Calvino (2007), “os clássicos não são lidos por dever ou por respeito mas só por amor.”.

Ao dizer que “o clássico estabelece uma relação pessoal com quem o lê”, Calvino (2007) está em consonância com Bloom (2001), ao tratar da função da leitura ou o porquê ler. Segundo Bloom (2001), uma fórmula da leitura seria “encontrar algo que nos diga respeito, que possa ser utilizado como base para avaliar, refletir, que pareça ser fruto de uma natureza semelhante à nossa, e que

seja livre da tirania do tempo.”. O mesmo autor ainda considera que “uma das funções da leitura é nos preparar para uma transformação, e a transformação final tem caráter universal.” (BLOMM, 2001). Assim, nada mais apropriado do que a leitura da obra clássica, por apresentar um caráter universal e temas como amor, renúncia, sofrimento, redenção, inveja, preconceitos, denúncias sociais, entre outros, que atravessam épocas e os homens, em cada geração, conseguem se identificar em algum momento com essas temáticas. Tal identificação, descobertas do que já sabíamos ou que julgávamos saber, que fora dito primeiro nos clássicos, geram no leitor uma satisfação ou um prazer que faz com que ele eleja o “seu” clássico e a ele não seja indiferente, como coloca Calvino (2007).

Nesse sentido é que este artigo vê na leitura dos clássicos um instrumento fundamental no processo de formação do leitor literário, pois este, de acordo com Bloom (2001), se forma essencialmente na solidão e “lê por iniciativa própria, e não segundo interesse que, supostamente, transcendam o ser.” Dessa maneira, o clássico possibilita a esse leitor solitário o prazer estético, exercendo nele, segundo Calvino (2007), uma influência particular, pois se impõe como inesquecível e oculto nas dobras da memória.

Assim, esse processo de formação do leitor literário vai além de a escola, é algo que acontece intimamente entre o leitor e a obra que se lê, no entanto, a escola tem o papel importante de apresentar e até mesmo mediar essa leitura até o aluno.

2. Leitura do cordel na escola

A literatura de cordel se constitui como um gênero que, originalmente, era expresso por cantadores, os quais divulgavam essa literatura por onde iam, e de forma cantada, quando, no século XVIII, no início da colonização do Brasil, foi trazida pelos portugueses. Teve início no século XVI, quando o Renascimento passou a popularizar a impressão dos relatos que, pela tradição, eram feitos oralmente pelos trovadores. A tradição desse tipo de publicação veio da Europa e, no século XVIII, esse tipo de literatura já era comum, especialmente em

Portugal, que permitia a negociação desse tipo de publicação entre os homens cegos.

O cordel é também um gênero poético que acolhe essencialmente os elementos da cultura popular, como a cultura regional nordestina e o folclore brasileiro; os elementos do conto, com suas narrativas heroicas; as figuras emblemáticas e astuciosas, bem como o humor e a sátira, os quais estão ilustrados através da xilogravura e comumente em folhetos, porém, atualmente, há também muitas publicações de cordel em livros.

Dessa forma, o cordel tornou-se um gênero de fundamental importância dentro da literatura, já que resgata o valor estético e o diálogo social que a literatura pode trazer ao leitor. Esse diálogo do cordel o delinea também enquanto gênero discursivo, como trata Bakhtin (2016), pois apresenta uma concepção de destinatário, o homem nordestino, que o determina enquanto gênero, e que ao mesmo tempo dialoga, numa atitude responsiva a outros enunciados.

Os cordéis mais conhecidos narram histórias de Lampião, de João Grilo, falam sobre histórias de amor e denunciam acontecimentos históricos em nome do povo. Muitas histórias envolvem um herói que sofre por não conseguir ficar com o seu amor, devido a uma proibição dos pais; noivados arranjados ou outras coisas que impedem o casal de ficar junto, porém, no final da história, o herói sempre sai ganhando. Caso ele não consiga realmente o que quer, há outra forma de equilibrar a história e fazer com que ele seja favorecido de alguma forma. Todas essas narrativas são estruturadas em versos, seguindo uma estrutura complexa de métricas e rimas, sem as quais não se faz um cordel. As mais comuns são as sextilhas, setilhas, quadra e décimas, geralmente com sete ou dez sílabas poéticas.

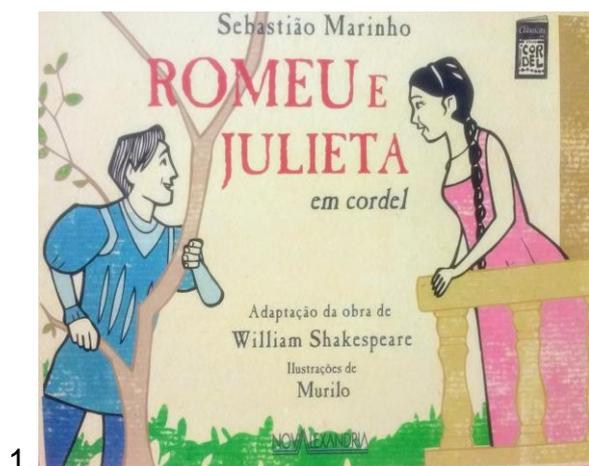
Esse tipo de narrativa em cordel, que carrega esse diálogo popular e essa estrutura poética, está posta neste artigo também como forma de viabilizar a formação do leitor literário a partir do espaço da escola, dado o seu caráter popular enquanto contato mais próximo do aluno, sendo destinado

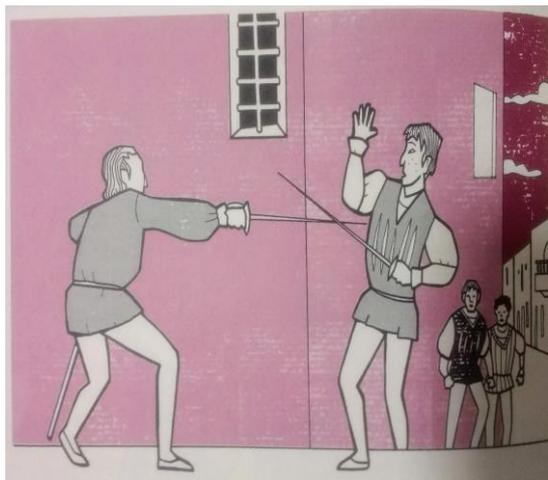
especificamente aos alunos do Ensino Fundamental, do sexto ano, como forma de oferecer-lhes meios para principiar e fazer as suas escolhas literárias.

3. Leitura do clássico em cordel na escola

O propósito dessa reflexão foi aliar a leitura da obra clássica com a leitura de cordel na escola, apontando inicialmente para o clássico em cordel “Romeu e Julieta”, escrito por Sebastião Marinho, composto por uma narrativa ilustrada em xilogravura e estruturada em sextilhas.

A narrativa em cordel “Romeu e Julieta”, de Sebastião Marinho, encontra consonância temática com a obra clássica, visto que é fiel em transpor para o verso a tragédia do mocinho e da mocinha, herói e heroína, que são vítimas do ódio entre suas famílias, da inveja e da intolerância social, porém, pelo amor, a pureza de caráter e o perdão, superam todas as adversidades e encontram redenção, ainda que em outro plano existencial. A narrativa em versos de cordel consegue extrair da peça shakespeariana toda a grandeza trágica do amor proibido entre o jovem Romeu e a bela Julieta, e, ao mesmo tempo, sua recriação traz elementos novos, e não uma mera cópia em versos rimados, mas a Julieta da versão em cordel é plena de graciosidade e ele vai além, ao compará-la com deusas dos velhos panteões: “A personificação/ De Vênus, Ísis, Latona/... Deus acertou na beleza/ Da jovem flor de Verona” (MARINHO, 2011).





As imagens em xilogravuras coloridas dão vida às cenas de fundamental relevância na obra clássica. As imagens são ilustrações de Murilo, retirada da obra em questão, “Romeu e Julieta” em cordel de Sebastião Marinho. A imagem 1 constitui a capa do livro, com a imagem do encontro de Romeu e Julieta no jardim dos Capuletos; a imagem 2 é o primeiro encontro dos dois no jantar da casa dos Capuletos, cena de grande emoção em que Romeu descobre o amor verdadeiro na pessoa de Julieta; a imagem 3 retrata a cena da luta entre Romeu e Tebaldo, momento em que Romeu mata o Capuleto Tebaldo e desencadeia então uma sequência de acontecimentos que provocará a tragédia dramática; e na imagem 4 tem-se o momento em que o conde Páris encontra Julieta adormecida após beber a substância dada por frei Lourenço à moça para aparentar-se morta.

Assim, ao pretender dialogar o cordel com o clássico e responder à questão posta neste artigo, pretende-se avançar e aprofundar essa leitura convidando os alunos a uma outra etapa de leitura: a leitura do próprio clássico, na versão traduzida para o português por Beatriz Viégas-Faria.

Tendo em vista que a aplicação do projeto, que deu norte a este artigo, ainda está em processo, pretende-se que os resultados em curso possam comprovar uma via de mão dupla no estímulo à leitura do clássico, a partir do popular e o inverso também. Para tanto, buscará dados a serem coletados a partir da produção literária dos alunos e da dramatização da obra em cordel, pois a eles lhes será proposto que produzam, nas aulas de Língua Portuguesa, novas

versões em cordel do clássico “Romeu e Julieta”, como, por exemplo, criando um novo desfecho para a história e terá como culminância a dramatização do que foi lido com eles no período de três meses.

Referências

BAKHTIN, M. **Os gêneros do discurso**. 1 ed. São Paulo: Editora 34, 2016.

BLOOM, Harold. **Como e por que ler?** Rio de Janeiro: Objetiva, 2001. P. 17 – 25.

BORGES, Jorge Luis. **Obras completas II**. Rio de Janeiro/São Paulo: Globo, 2003. P. 167-169.

CALVINO, I. Por que ler os clássicos. In: _____. **Por que ler os clássicos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

MARINHO, S. **Romeu e Julieta em cordel**. São Paulo: Nova Alexandria, 2011.

PAZ, Octavio. **O arco e a lira**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

ZILBERMAN, R. (Org.). **Leitura em crise na escola: as alternativas do professor**. 5. Ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1985.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa**. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.